

**RAINHA DOS RAIOS:  
A IMAGEM DE IANSÃ EM *CHOVEU*, DE MIRIAM ALVES**

**QUEEN OF RAYS:  
THE IMAGE OF IANSÃ IN *CHOVEU*, BY MIRIAM ALVES**

**Luciana Lis de Souza e Santos**  
**UFAL**  
**Elio Ferreira**  
**UESPI**

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é de analisar a representação da protagonista do conto *Choveu* por meio de um orixá do candomblé, ao tempo em que utiliza, também, usos do erótico: o erótico como poder (Lorde, 2020), além de se ancorar em outros importantes intelectuais que refletem sobre a literatura afro-brasileira e o feminismo negro. A análise está comprometida com teorias e conceitos próprios da literatura afro-brasileira contemporânea na intersecção com outros paradigmas teóricos oriundos do pensamento feminista negro. A literatura engendra um meio de liberdade e de transcendência que pode ser percebido quando são analisadas a partir de conceitos endógenos de intelectuais negras, como Usos do erótico: o erótico como poder (Lorde, 2019) e a representação do corpo feminino em Martins (1996), Alves (2010), Silva (2022) e Carneiro (2019), dentre outros nomes que inscrevem suas teorias no campo da literatura afro-brasileira e das expressões afro-femininas e de suas vivências.

**Palavras-chave:** Contos afro-brasileiros; Usos do Erótico; Iansã; Audre Lorde; Miriam Alves.

*Abstract:* The objective of this research is to analyze the representation of the protagonist of the short story *Choveu* through a candomblé orixá, at the same time that *Uses of the erotic: the erotic as power* (LORDE, 2019) is also used, in addition to being anchored in other important intellectuals who reflect on Afro-Brazilian literature and black feminism. The analysis is committed to theories and concepts typical of contemporary Afro-Brazilian literature in the intersection with other theoretical paradigms derived from black feminist thought. Literature engenders a means of freedom and transcendence that can be perceived when analyzed from endogenous concepts of black intellectuals, such as *Uses of the erotic: the erotic as power* (LORDE, 2019) and the representation of the female body in Martins (1996), Alves (2010), Silva (2022) and Carneiro (2019), among other names that inscribe their theories in the field of Afro-Brazilian literature and Afro-feminine expressions and their experiences.

**Keywords:** Afro-Brazilian tales; Uses of the Erotic; Iansã; Audre Lorde; Miriam Alves.

## Rainha dos raios

Em recente palestra de uma das maiores intelectuais negras do Brasil, promovida em 2022, Matilde Ribeiro, ex-ministra de Estado da Secretaria para a Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR), promovida pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), a ministrante comentou sobre discriminação sofrida durante a arguição de seu projeto de pesquisa durante o processo para a seleção de pós-graduação, em que um dos avaliadores da banca, ao se deparar com o projeto proposto por Matilde, que tratava de psicologia social e raça, acusou pessoas negras de quererem utilizar o ambiente acadêmico como um local de terapia. Os ouvintes de Matilde Ribeiro, naquele momento, em sua maioria pessoas negras, ficamos em silêncio. Afinal, o que dizer de tamanho sadismo?

A provocação feita por aquele que arguia denota o profundo incômodo com o fato de que há o interesse de inserção na universidade de um tipo de saber que tangencia epistemologias positivistas e unidimensionais. Para citar como exemplo, as metodologias e críticas teóricas e sociais utilizadas para a construção deste trabalho, como a *Escrevivência* (Evaristo, 2005), *Epistemicídio* (Carneiro, 2005), ensaio *Usos do Erótico: o erótico como poder* (Lorde, 2019) por exemplo, instrumentos de análise e compreensão para diversos âmbitos das ciências humanas, aqui, propostos para refletir sobre a literatura, sem os quais seria impossível transcender e perceber as múltiplas representações da mulher negra, ou seja, teorias e críticas endógenas partem de onde “[...] criamos representações para transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar” (Theodoro, 2010, p. 151).

Utilizo a fala de Theodoro para que entendamos sobre a literatura e suas possibilidades de organização e de normatização acerca do cotidiano e da vida de pessoas comuns, a partir de saberes de matrizes africanas, conforme defende Prandi (1995):

A presença do negro na formação social do Brasil foi decisiva para dotar a cultura brasileira dum patrimônio mágico-religioso, desdobrado em inúmeras instituições e dimensões materiais e simbólicas, sagradas e profanas, de enorme importância para a identidade do país e sua civilização (Prandi, 1995, p. 67).

A literatura brasileira escrita por mulheres negras faz circular representações, conteúdos que também compõem, em segundo plano (ou não), críticas à nossa sociedade porque essas representações que fogem à imagem do cânone confrontam ideias hegemônicas sobre a intersecção gênero e “raça” – termo sem nenhum valor biológico ou científico -, e que, por força histórica e da tradição nacional, fazem subsumir expressões e significados de matriz afro-brasileira, subjazendo e diminuindo tradições que atravessaram o oceano e, séculos depois, continuam sendo manifestadas nos corpos, nos saberes e nas produções artísticas de pessoas negras, expressões incrustadas nos versos e nas narrativas escritas por mulheres negras brasileiras. As feminilidades embutidas em tais repertórios confrontam o imaginário empobrecido em decorrência da colonialidade e da escravidão, esta que não dá a medida das nossas vidas e da nossa história.

A produção prolífica de Miriam Alves afirma-se por força dos sentidos literários e do feminismo negro, que estão na trama de seus procedimentos estéticos, a partir dos quais revela maneiras de automeação, autodefinição, e o mais importante para nós, descendentes da diáspora: a autorreferência, como afirma Conceição Evaristo:

Assenhorando-se da pena, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura, em que o corpo-mulher-negra deixa de ser um corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher negra que se descreve, a partir de uma subjetividade experimentada como mulher negra na sociedade brasileira (Evaristo, 2005, p. 54).

Assim, Alves ressignifica muitas de nossas experiências, que passam à margem do cânone nacional, assim como mencionei anteriormente, suas obras tornam familiar aquilo que está ausente, como reforçam as palavras de Theodoro:

Tornar familiar é tornar presente em nosso universo interior o que se encontra distante de nós, o que está ausente. Representar um objeto é conferir-lhe status de um signo, é torná-lo significante, logicamente, dominá-lo, tornando-o nosso (Theodoro, 2010, p. 149).

Escrever sobre Choveu é, portanto, pensar em como as culturas de matriz africana dão sentido a outras formas de criar representações sobre a mulher negra. Explico: pode-se fazer a leitura de que surge a imagem de um orixá no conto Choveu: Iansã, rainha dos raios. A inspiração para minha leitura partiu do meu contato com as nuances e os diferentes saberes de matrizes africanas que fui ajuntando durante os cursos da graduação em Letras e no mestrado em Literatura. Estudar a Literatura Afro-brasileira como matéria dentro da universidade quebrou o ciclo do *epistemicídio*, que é o processo de silenciamento e de negação sofridos por povos afrodescendentes, como sujeitos cognoscentes, em que se oculta e se desvaloriza a visão de mundo e os saberes oriundos do continente africano e daqueles que descendem da diáspora (Carneiro, 2005).

*Juntar pedaços*, antologia em que está presente o conto Choveu, traz repertório artístico-cultural de matriz africana que se afirma nas linhas e entrelinhas – ou ele é nomeado explicitamente ou o leitor é cooptado para que entenda, perceba e acione o seu capital intelectual em busca de arquivos socioculturais que sejam associados às representações trazidas por Miriam Alves. A autora reivindica o erotismo, o amor afrolésbico e não objetificado, reivindica a mulher negra representada pela força de orixás, deusas afro-brasileiras. Para essas mulheres, como tantas, é restituída a humanidade, os corpos-versos como potência geradora de vida e de significados. Dispensadas dos estereótipos reducionistas, nessa antologia, mulheres negras são sujeitos articulados e heterogêneos em consequência de interrelação de fatores históricos e culturais, como afirma Jurema Werneck, em *Nossos passos vem de longe*:

Ao afirmar estas heterogeneidades, destaco a diversidade de temporalidades, visões de mundo, experiências, formas de representação, que são constitutivas do modo como nos apresentamos e somos vistas ao longo dos séculos da experiência diaspórica ocidental. Tais diversidades fazem referência às lutas desenvolvidas por mulheres de diferentes povos e regiões de origem na África, na tentativa de dar sentido a cenários e contextos em rápida e violenta transformação. Mudanças que resultariam na constituição de uma diáspora africana que significasse algum tipo de continuidade em relação ao que poderia ser definido como nós, com o que éramos e que não seríamos nunca mais (Werneck, 2010, p. 10).

Pelo excerto, podemos pensar que, no núcleo dessas conexões, há inúmeras oportunidades para as mulheres negras se valerem, a partir de distintos acervos, tão profundos, imensos e antigos como são as mulheres negras em todas as suas possibilidades para agir, para criar, para construir seus próprios

**Letras em Revista** (ISSN 2318-1788), Teresina, v. 15, n. 02, ago/dez. 2024 52

caminhos, ainda que com muitas fricções, quer sejam da identidade, da sexualidade, da colonialidade, as quais não devem ser condicionadas por imagens de controle (Collins, 2019), mas há mitos e simbologias próprios da matriz africana, histórias que também estão presentes na formação cultural brasileira

Choveu, como os demais contos de *Juntar pedaços*, não apresenta a dor, esta personagem-chaga, como protagonista. O conto traz imagens de erotismo; fala sobre uma mulher que reconhece o prazer e a potência de seu corpo, que reconhece a importância de sua vida interior e, principalmente, reconhece imagens que protegem e guardam o seu corpo. Ao ler Choveu, desde as primeiras linhas, é possível pensar em Iansã, em sua força e sensualidade, e de como sua representação na literatura é uma forma de transmissão de força e de autoestima para mulheres negras. Miriam Alves tem um posicionamento político-cultural incisivo e positivo das tradições afro-brasileiras, estas que estão constantes em toda a sua obra desde 1982, nos *Cadernos Negros*, até este *Juntar pedaços*, publicado quase quarenta anos depois.

A criação de sentidos, neste conto de Alves, possibilita que outras mulheres negras sonhem a partir de sua escrita, portanto, deixa marcas para agora e para o futuro, enunciando esta literatura com subsídios que não nasceram aqui, mas que vêm de uma África com elementos fortes e vigorosos que estão expressos no discurso dessa escritora. Alves utiliza como matéria-prima não o acúmulo da tradição canônica ocidental e nacional, mas o seu fazer literário, e os seus sentidos vêm de matrizes africanas e afrodiaspóricas, sobre os quais passa ao largo da escravidão, da dor e do trauma, pois esses não dão a medida das vidas de mulheres negras e de sua representação na literatura.

### **Rainha dos raios: tempo bom, tempo ruim**

“Estava feliz, sensação boa a percorria num misto de eletrificação e paz. Choveu a noite inteira, trovões, coriscos riscando a madrugada, o vento uivando o gozo com a natureza” (Alves, 2021, p. 37). Uma mulher desperta após uma noite de tempestade, de raios e de trovões, acorda com o corpo em gozo e sensualidade, esta é a primeira imagem apresentada da protagonista de Choveu. Os raios, a chuva e os trovões suscitam a imagem de Iansã: “mulher suave como o sol que se vai, mulher revolta como vendaval, dona do vento da vida” (Poli, 2020, p. 195) diz o oriki de Iansã em *Antropologia dos Orixás*.

“Eletrificação e paz”, o pós-gozo nos convida a conhecer a intimidade dessa mulher iansânica, cujos prazeres concorriam com a ventania e os clarões que cortavam o céu durante a tempestade. Refiro-me a esta mulher com a alusão a Iansã, porque aquela é segura, tempestuosa, transformadora, assim como este orixá, que traz mudanças, que está na vanguarda, abandonando o que é velho e anunciando o que é novo, para fazer valer novas ideias e padrões. Valho-me de um orixá para dizer sobre a personalidade de uma mulher, referendando-me nas palavras de Sueli Carneiro, em *O poder feminino do culto aos orixás*, que afirma:

Questões básicas como maternidade, sexualidade e moralidade são redefinidas a partir desse novo sistema de representações. Cada orixá representa uma força ou elemento da natureza, um papel da divisão social e sexual do trabalho e, como desdobramento disso, a este papel estão associadas características emocionais, de temperamento, de volição e de ordem sexual. (Carneiro, 2019, p. 66)

Essa mulher de quem o narrador fala é de corpo-noite, negra, que está em seu quarto, seu refúgio seguro, para onde só convidava aqueles que ela mesma queria, e que deveriam conhecer todas as suas regras, rainha de si e de seus desejos,

Ali, se refugiava das intempéries da vida e das mágoas que os sentimentos humanos lhe pudessem ocasionar. Reservava-se o direito de estar só: quando bem lhe aprouvesse, não deixava ninguém adentrar aquele seu refúgio, onde se sentia plena.

Esporadicamente, convidava uma pessoa amiga para um bate-papo, mas deixando explícitos os limites a serem respeitados. Não se isolava, só se preservava (Alves, 2021, p. 37).

Entendo como relevante sublinhar a manifesta lucidez da protagonista: jamais se enverga para as imagens de controle, pois não é domesticada, submissa, pura ou alguém piedosa. Na obra, é possível perceber, em vários trechos, a sua postura indócil e nunca disposta a atender aos interesses de grupos dominantes – homens brancos, por exemplo. Como mulher negra, ela é insubordinável. Pensá-la como a representação de um orixá pode criar um outro imaginário para a cultura brasileira. Orixá, não “exotizada”, pensando em amor, acolhimento, proteção e segurança, tangenciando representações marcadas pela violência e pelas interdições diversas.

O presente nos brinda com a pretitude da literatura negra brasileira, e a cada dia novos véus são desvelados. Nossos ancestrais sopram sonhos, paixões, desejos de sermos corpos pretos vivos em movimento, escrevendo através de nossos corpos o tempo – o tempo presente como eco do passado, seduzido pelo futuro por “palavras jogadas de boca em boca” (Silva, 2022, p. 82).

Apresentando a mulher a partir da leitura de um orixá, temos a ressignificação de identidades e do local de onde se enuncia a escrita feminina negra. Além disso, permite-nos observar a enorme riqueza da encruzilhada desta escrita, entre a terra (Aiyê) e o além (Orum). Portanto, a personagem, de características iansânicas traz simbolismos de resistência diretamente de nossas ancestrais para desembocar na identidade e subjetividade de uma mulher negra na contemporaneidade.

E quem é esta Iansã de que tanto falo, a quem reverencio, cujo conto invoca os ventos, a força e o temperamento aguerridos? Precisa-se afirmar: se a cultura ocidental propõe um estereótipo feminino de mulher frágil, subserviente e submissa, temos, por meio do Candomblé, Iansã:

[...] de temperamento forte, voluntariosa e sensual. Iansã é uma deusa guerreira. [...] Deusa do fogo e das tempestades [...] ela controla os raios. [...] O povo de santo diz que com as filhas de Iansã ninguém pode, elas são temidas e respeitadas. [...] Ela é ardente. Se a sociedade patriarcal não comporta a insubordinação feminina, ela é mitificada no Candomblé, e Iansã e Obá são sua expressão (Carneiro, 2019, p. 68-70).

O conto se desenvolve também por meio de reflexões da personagem sobre as impressões exógenas sobre o seu corpo e como estão ligadas a algumas dinâmicas sociais brasileiras que ainda são permeadas pela colonialidade persistente: quando a própria personagem afirma que os homens brancos tratam o seu corpo como algo exótico, como um objeto sobre o qual detém algum poder e que podem tomar a qualquer momento para usar, pois, em seu imaginário, a mulher negra é aquela dotada de sexualidade desenfreada e de um erotismo marcadamente primitivo e bárbaro, portanto, depois do sexo, podem ignorá-la, pois este corpo deve ser usado para o prazer do homem, para a finalidade estritamente sexual, mas não para o afeto, não para o amor.

Miriam Alves apresenta uma personagem completamente consciente dessa dinâmica social mencionada anteriormente, que fala de emoções e de suas escolhas deliberadas, desmontando um sistema que mina e tenta acabar com a autoconfiança dessa mulher. Eis o feminismo negro em seu texto literário, nas palavras do pesquisador Mário Medeiros, “ativismo negro-literário” ou “militância ativa da palavra”, mas não somente: Alves desafia os estereótipos negativos de gênero que comumente são delegados às mulheres que ficam sós, tais como “encalhada”, “solteirona”, “ficou pra tia”.

As emoções e os afetos dizem muito sobre como uma sociedade é estruturada. Por exemplo, para Pacheco (2013), não existe distinção sobre o “eu social” e “eu individual”, pois, segundo a autora, as diversas formas de emoções são produzidas socialmente, enquanto fenômeno, e não de maneira individual e estritamente psicológica; no mesmo âmbito, Geertz (2001) afirma que “a cultura é constituída de diversos mecanismos de controle [...] não apenas as ideias, mas as próprias emoções são artefatos culturais”, e segue:

As palavras, imagens, gestos, marcas corporais e terminologias, assim como as histórias, ritos, costumes, sermões, melodias e conversas, não são meros veículos de sentimentos alojados noutra lugar, como um punhado de reflexos, sintomas e transpirações. São o locus e a maquinaria da coisa em si (Geertz, 2001, p. 183).

Portanto, o que temos é que os indivíduos podem fazer escolhas a partir de emoções introjetadas por sua cultura, a partir do meio social no qual estão inseridos, a partir de interesses que estão colocados na estrutura social. Sendo assim, as experiências dos sujeitos, por meio de seus afetos e de suas emoções, socialmente construídas, formam e estruturam relações de poder que atravessam corporeidades, emoções e afetos. Dessa maneira, para Ana Cláudia Lemos Pacheco, em *Mulher negra: afetividade e solidão*:

A emoção é um código cultural que é negociado por meio das relações, intenções e ações produzidas entre os indivíduos em contextos específicos. [...] Pode-se dizer que a escolha de alguém ou de algo não está de fora dos limites daquilo que uma determinada cultura pensa e vivencia como sendo aceito ou não, mas, também, possibilita indivíduos, reatualizações, ajustes, ressignificações de suas experiências emocionais/afetivas sociais (Pacheco, 2013, p. 44-45).

Nisso parece-nos residir o grande mérito desse conto: o modo como a protagonista desordena um sistema de classificação afetivo em que, na economia dos relacionamentos amorosos, a ela, como mulher negra, é condicionada à solidão e aos relacionamentos furtivos e sem vínculos. A própria Miriam Alves é enfática quando, ao combater os estereótipos que insistem em definir as representações das mulheres negras na literatura, afirma, em *BrasilAfro Autorrevelado – Literatura Brasileira Contemporânea*:

As mulheres afro-brasileiras, pertencentes a dois mundos historicamente subordinados, Mulher e Mulher-Negra, vistas como objetos de consumo durante muito tempo, excluídas da condição de seres humanos, passam por uma tríplice opressão e uma segregação secular, além de terem que superar a ideia, cristalizada na sociedade brasileira, de serem incapazes de assumir outros papéis e cargos e terem que suplantar, conseqüentemente, a marginalização econômica. Esta imagem de mulher inferiorizada, muitas vezes pré-determina e condiciona a posição a ser ocupada pelas afrodescendentes, não só nas relações sociais, mas inclusive no mundo das representações artísticas em geral e particularmente na literatura. Não é raro flagrar na literatura praticada por autores não negros a perpetuação desses dois estereótipos na construção desses textos ficcionais (Alves, 2010, p. 63).

Portanto, nós, mulheres negras, temos buscado caminhos para a resistência e para o poder, e um desses meios é a literatura, descolonizando o pensamento e amando a negritude e todos os seus significados. A escrita de autoria feminina negra tem motivações históricas, políticas e literárias, com a criação de novas possibilidades imagéticas, pois constitui ato de rebeldia e também de afeto com relação

ao mundo, como defende Eduardo de Assis Duarte sobre a escrita de pessoas negras: “[...] ora exasperadas, ora ríspidas, ora sutis, ora irônicas, ora ternas, ora cheias de esperanças” (Duarte, 2021, p. 4).

Audre Lorde, intelectual e poeta afro-americana, no ensaio *Usos do Erótico: o erótico como poder*, reflete sobre como mulheres são oprimidas e suas fontes de poder são corrompidas a fim de que sejam fragilizadas, tirando dessas o poder da mudança. A autora utiliza como exemplo o apagamento do *erótico*, este que é “[...] uma dimensão entre as origens da nossa autoconsciência e o caos dos nossos sentimentos mais intensos [...]” (Lorde, 2019, p. 68), por meio do qual, no íntimo, é atingido um sentimento de profunda satisfação que dá às mulheres poder e autonomia; conhecendo a força do que pode o corpo experimentar, “[...] com a celebração do erótico em todos os nossos esforços, meu trabalho passa a ser uma decisão consciente – uma cama tão desejada, na qual me deito com gratidão e qual me levanto empoderada” (Lorde, 2019, p. 69). E conclui:

A própria palavra “erótico” vem do grego *eros*, a personificação do amor em todos os seus aspectos – nascido de Caos e representando o poder criativo e a harmonia. Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital das mulheres; daquela energia criativa fortalecida, cuja conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas (Lorde, 2019, p. 70).

Miriam Alves, portanto, nos apresenta com essa personagem iansânica, cuja plenitude é alcançada depois de uma noite de chuvas e raios; uma mulher cuja nudez “[...] cobre com longo robe branco, deixando transparecer as curvas acentuadas de seu corpo-noite, que irradiava o brilho, magnetizado da lua cheia. Estava plena, havia tempos não se sentia assim, como a terra irrigada após a chuva” (Alves, 2019, p. 37). A narrativa em emergência, refugiada do imaginário castrado, não fantasia nenhuma insubmissão e nem sequer negocia qualquer culpa por sentir prazer, o narrador é explícito: “estava plena”.

Seguindo o raciocínio de Audre Lorde sobre como o *erótico* é caminho para autonomia e poder, pode-se afirmar que essa protagonista, ao entrar em contato com o seu erótico, torna-se menos suscetível à autonegação ou a quaisquer sofrimentos que a possam manter dócil, obediente e externamente definida, e aqui é possível unir a força de Iansã na personagem de Alves e o *erótico* de Lorde, quando a autora afro-americana afirma:

A dicotomia entre o espiritual e o político é falsa, já que resulta de uma atenção incompleta ao nosso conhecimento erótico. Pois a ponte que os conecta é formada pelo erótico – o sensual -, aquelas expressões físicas, emocionais e psíquicas do que é mais profundo e mais forte e mais precioso dentro de cada uma de nós [...] A estimada expressão “me faz sentir bem” atesta a força do erótico como um conhecimento genuíno, pois o que ele representa é a primeira e a mais poderosa luz que nos guia em direção a qualquer compreensão. [...] O erótico é o que estimula e vela pelo nosso mais profundo conhecimento (Lorde, 2020, p. 70-71).

É preciso fazer um exercício de imaginação para deixarmos de encarar aquilo que vem da negritude e da África como algo insólito e exótico, avançar diante do imaginário limitado e empobrecido dado o racismo que permeia as nossas vidas. A literatura de Miriam Alves evidencia nossos corpos negros, sentimentos e linguagens, seu texto não está restrito ao universo onírico ou fantasioso, ele é alicerce e ponte para mudanças e fonte de autoestima, para o conhecimento da matriz africana e suas representações na literatura afro-brasileira e o modo como essas representações podem nos fortalecer por meio da criação

literária, que acessa o “[...] lugar de poder da mulher dentro de cada uma de nós, que não é claro nem superficial; é escuro, é antigo e é profundo.” (Lorde, 2019, p. 46).

Ao acreditar em sua própria legitimidade para falar sobre um povo que é destituído de passado histórico, Alves firma uma escrita rica em um território que é marcado pela colonialidade, construindo seu discurso em território de disputa, como argumenta Bonnici (2003, p. 259): “[...] embora o discurso seja repleto de poder, não é imune aos desafios e mudanças internas: é o lugar de conflito e luta, encarregado de criar e suprimir a resistência”.

Ao conhecer a *Iansã* que, pela nossa leitura, ecoa na protagonista deste conto afro-brasileiro, podem-se reconhecer de maneira positiva os antecedentes das mulheres negras, por meio dessa narrativa contra-discursiva que, de maneira alguma, bebe da fonte de narrativas canônicas, ou do acúmulo da narrativa ocidental. Aqui, há a valorização de um sujeito histórico que Alves trouxe a lume, valorizando a condição de sujeitos históricos, desfazendo *imagens de controle* (Collins, 2019) que permeiam a literatura nacional e a própria formação cultural do Brasil, cuja subjetividade de pessoas pretas é suprimida.

Alves, em *Choveu*, interrompe esse fluxo cruel e excludente, desloca essa representação, produz outro signo para a mulher negra a partir de sua elocução de mulher negra que escreve sobre mulher negra, desfazendo velhos sentidos, assenhora-se da narrativa para nossa alegria e reconhecimento, libertando vozes e cosmovisões.

É importante, portanto, pensar o papel do discurso literário na sociedade a partir do ponto em que ele pode enrijecer imaginários, cristalizar estereótipos e excluir sujeitos; da mesma maneira, esta mesma literatura pode produzir novas imagens, desde a corporeidade, as subjetividades e as relações de poder que estão inseridas nas produções imagéticas enquanto discurso literário.

Que mudanças temos quando mulheres negras começam a escrever de um lugar a partir de onde elas são amadas? E por que é importante que elas sejam amadas? Mulheres negras e amor desmontam uma estrutura em que elas estão na base e em que são dominadas. O sentido da dominação, o sentido de não mais nos deixarmos ser acuadas, ter amor é uma maneira de criar resistência ao fato de muitas vezes servirmos ao poder masculino, apenas como corpo-objeto, mas, no conto, por meio da literatura, podem-se encontrar formas de ação que se posicionam frontalmente contra a aceção de corpo animalizado da mulher negra.

A literatura, portanto, elabora imaginários e pode instituir de poder grupos socialmente marginalizados, aqui, no caso, as mulheres negras e suas experiências sobre o amor. Alves, em seu texto literário, reelabora a representação do corpo, da confiança, da afetividade e da escolha de uma mulher negra, desafiando a hierarquia social, ressignificando a experiência do corpo e da emoção da mulher negra em um relacionamento afetivo-amoroso. A protagonista, após levantar-se da cama, cujos lençóis e roupas em completo desalinho, indicando a “ventania de prazeres” (Alves, 2019, p. 37), sentiu “[...] estava plena, havia tempos não se sentia assim, como a terra após ser irrigada pela chuva, sentiu vontade de cantar, dançar, uma música romântica que falasse de felicidade” (Alves, 2019, p.37). Observe-se o total controle de seu lugar, de reconhecer suas emoções, de se sentir acolhida pelo próprio prazer, pela temperança da autoconfiança e do amor interior, arredando de quaisquer imagens de controle externamente definidas, reservava-se o direito à solitude e isto lhe dava total confiança sobre quem é e sobre o que deseja.

Toda essa desvalorização das mulheres negras, estruturada pelo patriarcado desde a escravização e que resiste na modernidade, “[...] incentivou todos os homens brancos a considerar mulheres negras vagabundas ou prostitutas [...] eram motivados a acreditar que tinham algum direito ao corpo das mulheres negras” (hooks, 2015, p. 109). Com essa afirmação, vê-se, no conto de Miriam Alves, a afirmativa da protagonista, que tem conhecimento sobre o que homens, em sua maioria, brancos, pensam sobre o seu *corpo-noite*, visto por estes como algo exótico:



Não se isolava, se preservava, principalmente de homens inconvenientes, na maioria brancos, que, por coincidência ou não, se aproximavam dela com elogios estúpidos: “Seu corpo é de arrepiar. Nunca transei com uma preta. Tenho curiosidade. Dizem que...” (Alves, 2021, p. 37).

Reafirmo, enfático, retomo a todo momento a fala em que essa mulher nomeia os próprios desejos e as vontades, que recebe quem quer, quando quer, que jamais é cúmplice ou permissiva para com o desejo de terceiros; esta é uma das imagens que podem ser capturadas nessa narrativa, em que o corpo-noite não é tecido à revelia das suas próprias vontades, as quais são realizadas por meio das narrativas e poéticas de escritoras negras, conforme pontua Leda Maria Martins, em *O feminino corpo da negra* (1995):

Nessas realizações poéticas, alguns significantes, a voz, o corpo, os desejos, são recorrentes, como anéis entrelaçados. Da alquimia do verso emergem novas modulações tímbricas e figurativas que, pelas vidas da reversibilidade, disrupção, confrontação e autocelebração, esculpem, como contraponto às representações tradicionais, engenhosas construções poéticas que ressemantizam a personagem negra na linguagem poética e o próprio corpus literário nacional. Como um lugar de ressonâncias e dissonâncias, o corpo da mulher, ali inscrito em tons e maquiagens, caligrafados na mordida dura ou leva da palavra (Martins, 1996, p. 113).

Portanto, o que Miriam Alves faz é corromper essa imagem demasiado sexual, e insere a mulher negra na esfera do amor e do afeto, desfazendo a zoomorfização, denotando toda a potência da literatura para construir um novo imaginário, costurando, com muito amor, a partir da cultura de matriz africana. A escrita de Miriam Alves, de uma mulher negra como sujeito contemporâneo, que vive este presente com plena consciência dos meandros diaspóricos, reconhecendo aquilo que persiste permanecer subjacente neste tempo em que vivemos, mas plena e consciente de sua potencialidade, de sua força, e, sem dúvidas, esta é uma marca profunda no texto literário de Alves.

## Referências

ALVES, Miriam. *Brasil Afro Autorrevelado*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ALVES, Miriam. *Na companhia de Maréia*. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-companhia-de-mareia/>. Acesso em: 20 set. 2022.

ALVES, Miriam. *Juntar pedaços*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: Abordagem Históricas e Tendências Contemporâneas*. 3. ed rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 257-285.

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane. O poder feminino no culto aos orixás. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Guerreiras da natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 117-143.

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPIIR, 2014. p. 13-48. (Precursores, v. 1).

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano I, nº 1, ago. 2005. p. 52-57.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

hooks, bell. *Intelectuais negras*. 1995. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

LORDE, Audre. Os usos eróticos: o erótico como o poder. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 141-153.

MARTINS, Leda Maria. O feminino corpo da negrura. In: *Revista de Estudos de Literatura*, p. 111-121, 1996.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*. 2008. 324 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2008.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. *Dengos e zangas das mulheres-moringa: Vivências sexuais de mulheres negras*. Pittsburgh, Estados Unidos: Latin America Research, 2020.

POLI, Ivan. *Antropologia dos Orixás: a civilização iorubá e seus mitos, seus orikis e sua diáspora*. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. *Revista USP*, São Paulo, n. 28, p. 64-83, dez./fev. 1995-1996.

SILVA, Selma Maria da. Escritura feminina preta: quarenta anos de Miriam Alves. In: *Miriam Alves plural: teoria, ensaios críticos e depoimentos*. São Paulo: Fósforo, 2022. p. 79-85.

THEODORO, Helena. *Iansã: rainha dos ventos e das tempestades*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe. In: *Revista da ABPN*, v. 1, n. 1, p. 8-17, 2010.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do; SILVA, Vinícius Rodrigues da Costa. Políticas do amor e sociedades do amanhã. *Revista Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria v. 10, p. 168-182, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39954> Acesso: 10 dez. 2021.

## Luciana Lis de Souza e Santos

---

Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Estadual do Piauí (2013) e Especialização em Literatura e Estudos Culturais também pela Universidade Estadual do Piauí (2015). Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí (2023). Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas.

## Elio Ferreira

---

Pós-Doutorado Estudos Literários (UFMG), Doutor em Letras (UFPE), Mestrado em Letras (UFC), Especialização em Literatura Brasileira (PUC/PREPES), Graduação em Letras Português/Latim (CEUB), Graduação em Capoeira pelo ABADÁ Capoeira. Professor Efetivo da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, atuando na Graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras.

Recebido em 15/05/2023.

Aceito em 30/08/2023.